Org.
Amanda Eloina Scherer
Larissa Montagner Cervo

Rafaella Barbieri Vieira
Lara Portella

João Vitor Ribeiro

QUILOMBO VOVÓ ISABEL

COLEÇÃO: MEMÓRIAS INFINITAS, Nº 2

PPGL UFSM

QUILOMBO VOVÓ ISABEL

COLEÇÃO: MEMÓRIAS INFINITAS, Nº 2

2025

Todo o conteúdo da Coleção Memórias Infinitas está licenciado com uma Licença:

Esta obra está licenciada com uma:

Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial 4.0 Internacional.

A Coleção Memórias Infinitas possui caráter público e gratuito, dessa forma, NÃO são cobrados custos ou taxas para submissão, processamento, publicação e leitura dos artigos.

Ficha catalográfica

Q6 Quilombo Vovó Isabel [recurso eletrônico] / [preparação de originais: Amanda Eloina Scherer … [et al.]]. – Santa Maria, RS : UFSM, CAL, PPGL Editores, 2025.
1 e-book : il. – (Coleção memórias infinitas ; n. 2)

ISBN 978-65-5334-013-8

1. Quilombo 2. Memória 3. História 4. Resistência I. Scherer, Amanda Eloina II. Rafaela, Maria Isabel (Vovó Isabel) III. Série.

CDU 326(816.5=414)
39(=414)
908(816.5)

Ficha catalográfica elaborada por Lizandra Veleda Arabidian - CRB-10/1492
Biblioteca Central - UFSM

PPGL Editores

Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria

Prédio 16 - Sala 3222 - Bloco A2

Campus Universitário - Bairro Camobi

CEP 97.105-900 - Santa Maria/RS - Brasil

Fone: 55 3220 9359

E-mail: ppgletras@ufsm.br

Site: https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgletras/ppgl-editores

Agradecimento especial ao Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado, de Nova Palma, cujos registros sobre o Quilombo Vovó Isabel contribuíram para a construção desta coletânea.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA MARIA

REITOR
Luciano Schuch

VICE-REITORA
Martha Bohrer Adaime

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO
Flavi Ferreira Lisboa Filho

PRÓ-REITORA ADJUNTA DE EXTENSÃO
Jaciele Carine Vidor Sell

COORDENADOR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Leandro Nunes Gabbi

DIRETOR DO CENTRO DE ARTES E LETRAS
Gil Roberto Costa Negreiros

VICE-DIRETORA DO CENTRO DE ARTES E LETRAS
Andréia Machado Oliveira

COORDENADORA DO ESPAÇO MULTIDISCIPLINAR DE PESQUISA E EXTENSÃO DA UFSM EM SILVEIRA MARTINS
Fernanda Carvalho Colovini

COORDENADORES DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
Amanda Eloina Scherer
Verli Petri
Enéias Tavares

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
Dionei Mathias

CONSELHO EDITORIAL
Caroline M. Schneiders
Estanislao Sofia
Gerson Luiz Roani
Irène Fenoglio
José Edicarlos Aquino
Lucília Maria Sousa Romão
Marluza da Rosa
Valdir Prigol
Vanise Medeiros

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Amanda Eloina Scherer
Larissa Montagner Cervo
Rafaella Barbieri Vieira
Lara Portella da Silva
João Vitor Ribeiro

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Jéssica Sayuri Campos Mogi

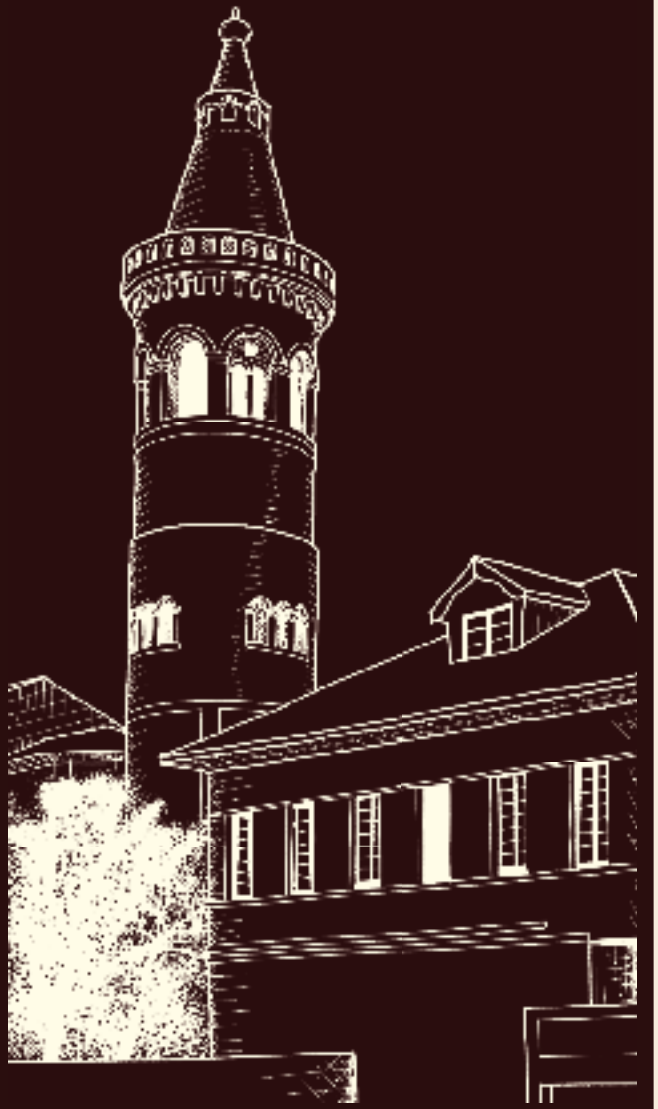
ASSESSORIA JURIDICA
Carolina Salbego Lisowski

ASSESSORIA TÉCNICA
Juliana Scariotti Cielo
Robson Severo

REVISÃO DE LINGUAGEM
Rafaella Barbieri Vieira
Lara Portella

ENTREVISTADOS
Jucemara Rossato
Flávio Moreira
Jocéli Pereira
Palmira de Fátima da Silva
José Alberi da Silva

COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA
Willian da Silva



Política Editorial

A Coleção Memórias Infinitas tem por objetivo corroborar com uma política regional de guarda sobre a história na região da Quarta Colônia (RS) e que esteja relacionada aos geossítios vinculados ao Projeto Geoparques. Os registros podem ser feitos de diferentes formas de expressão cultural, linguística, arquitetônica, literária, histórica, artística, etc. Sua meta principal é criar uma cultura de educação patrimonial a partir de objetos, instrumentos linguísticos, materialidades diversas, para que possamos implantar uma política de preservação e guarda de acervos na região, constitutivos do que somos no tempo presente.

Coleção Memórias Infinitas

Sumário

APRESENTAÇÃO 7

HISTORIA MEMORIA E EDUCAÇÃO PARA A ALTERIDADE 8

O QUILOMBO VOVÓ ISABEL 12

O NOME DA HISTÓRIA 13

A REMANESCÊNCIA 17

A OCUPAÇÃO DA TERRA 23

A EDUCAÇÃO ESCOLAR 25

AS FORMAS DE SUBSISTÊNCIA 29

AS PRÁTICAS TRADICIONAIS 33

O LEGADO 39

A RESISTÊNCIA 41

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA EM OUTRAS PERSPECTIVAS..... 44

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS ESCOLAS
Jucemara Rossato 45

COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA VOVÓ ISABEL: O LEGADO DE SABERES PLURAIS QUE PERMANECEM VIVOS NO TRANSCORRER DOS TEMPOS
Beatriz Santos Pontes 59

Apresentação

O presente número da Coleção Memórias Infinitas integra o projeto "Política de Línguas na Região da Quarta Colônia/RS: história, memória e educação para a alteridade", que visa o desenvolvimento de ações de educação patrimonial voltadas à história e à memória da região da Quarta Colônia, na perspectiva de questões tocantes à linguagem e em consideração ao selo de Geoparque Mundial da Unesco concedido ao território.

História, Memória e Educação para a alteridade

Fazer educação patrimonial como se propõe na organização de um geoparque requer compreender o presente, valorizando-o e ressignificando-o em relação ao passado e em direção ao futuro. Nesse sentido, o nosso encontro com o Quilombo Vovó Isabel, situado no município de Nova Palma/RS, se dá pela via da reinscrição, no espaço-tempo presente, da história e da memória da comunidade, enquanto parte da construção de uma política de memória que acreditamos ser fundamental para a construção de novos sentidos à Quarta Colônia.

Enquanto pesquisadoras do campo das ciências da linguagem, interessamo-nos pela linguagem em funcionamento, na diversidade linguística, cultural e material que constitui sujeitos e espaços, vínculos identitários e de pertencimento, assim como pelos modos como as questões que concernem à linguagem são administradas e geridas sócio-historicamente. E somos sensíveis à leitura e compreensão de diferentes matrizes de sentido, produzidas por diferentes vozes, que circulam em relação umas às outras, resultando em versões da história que jamais podem ser uma só.

Acreditamos que o trabalho com a linguagem nos possibilita refletir sobre quem somos e sobre o espaço onde vivemos, conduzindo-nos

A entrada na história: vista das residências que compõem o quilombo, a partir de um dos pontos mais altos do território.

Créditos: Organizadores.

a uma perspectiva de educação patrimonial não de reforço de discursos legitimados ou de correções na história, mas de abertura à compreensão de diferenças, de diferentes realidades e do quanto o que constitui o outro faz parte também de nós. Defendemos, sobretudo, que educação patrimonial se faz também pelo colocar-se frente ao outro, dando-lhe voz, saindo da posição de quem apenas fala e escuta sobre.

Esperamos que este material seja significativo na construção de novos horizontes de futuro ao Geoparque Quarta Colônia. Agradecemos a acolhida da comunidade do Quilombo Vovó

Isabel, que sempre nos recebeu com afeto e nos abraçou com café quentinho e roscas de gema deliciosas. A ela dedicamos este segundo número da Coleção Memórias Infinitas, feito de suas próprias vozes, que falam em 1ª pessoa, mas também de outras perspectivas, que tratam da mesma história, complementando-a e reinscrevendo-a no presente, mas de forma diferente.

Larissa Montagner Cervo

Amanda Eloina Scherer

Santa Maria, primavera de 2024.

Preparo tradicional da canjica no pilão.

Créditos: Willian da Silva.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

PORTARIA N. 36, DE 13 DE MAIO DE 2008

O Presidente-Substituto da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo artigo 1° da Lei n.° 7.668 de 22 de agosto de 1988, em conformidade com a Convenção no 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, ratificada pelo Decreto n.° 5.051, de 19 de abril de 2004, o Decreto n.° 4.887 de 20 de novembro de 2003, §§ 1° e 2° do artigo 2° e § 4° do artigo 3° e Portaria Interna n.° 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.° 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, resolve:

Art 1° REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral n.° 11 e CERTIFICAR que, conforme as declarações de Autodefinição e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades a seguir, SE AUTODEFINEM COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.

Comunidade de Rincão do Santo Inácio, localizada no município de Nova Palma/RS. Registro n° 1.034, fl.50, em 23/04/2008;

[...]

Art. 2° Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ANTONIO POMPÊO

(DOU, Seção 1, N. 91, de 14 de maio de 2008, p. 15.)

Quilombo.

1) s.m. povoação de escravos fugidos; o mais famoso foi Palmares, construído em Alagoas, no século XVII, sob a chefia de Ganga Zumba e Zumbi, no português do Brasil. Do Kikongo/Kimbundo kilombo, aldeamento.

2) s.m. auto popular figurando escravos fugidos que lutam pela posse da rainha, mas terminam derrotados e vencidos como escravos, no português do Brasil.

O Nome Da História

Vovó Isabel

NOME: Maria Isabel Rafaela
NASCIMENTO: em 1° de agosto de 1877, em São Martinho, na Fazenda das Árvores.
MÃE: Maria
ESPOSA DE: Honorato Pinto, escravo na Fazenda das Árvores.
FILHOS: Maria Romana, Pedro, Maria Gonçalina, Onésimo, Maria Vivaldina (Varda), Rosalina, Amarília, Maria Dorothea, Francisco e Antão Antônio, todos eles nascidos, em parte, na Fazenda das Árvores, em parte na Linha 1 do Soturno.
(Informações extraídas da página 16 do Livro 10 do Centro de Pesquisa Genealógica Pe. Luiz Sponchiado)

"O que encontramos na nossa história da comunidade é um registro de 1840 de uma delegação de Cruz Alta, que vem com um tenente atrás de ex escravos na região e ali é citado que muitos foram capturados e outros fugiram. A caravana com a polícia fica dias percorrendo a região, não só este espacinho que usamos. Em 1905-1907, há contradições nos documentos. A Vovó Isabel vem para cá, mas é sempre bom a gente colocar que a vovó nos dá essa parte escrita de dizer que ela de fato veio. Muitos dos nossos registros foram apagados, mas antes dela muitos já estavam ali. É a partir do momento em que ela chega que ela nos traz esse contato com a sociedade, o que até então não se tinha. Ela tem importância também porque veio pra cá viúva e com seus filhos, entre eles, o professor Pedro Pinto, que foi nosso primeiro professor."

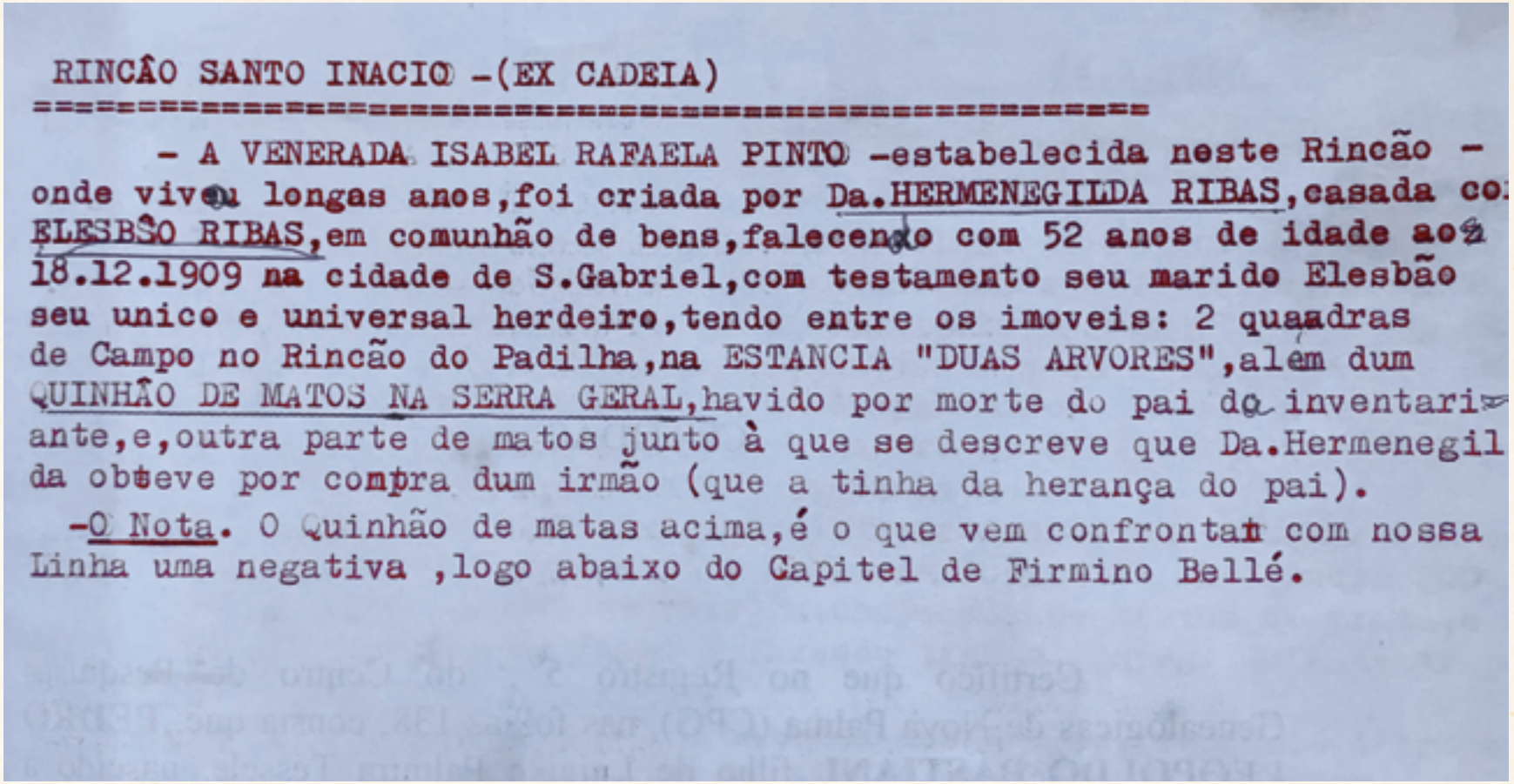
Flávio Moreira

"A Vovó Isabel era uma pessoa que gostava de contar causos, até com as crianças. Ela era uma referência. Todo mundo gostava dela. Ela tinha uma boa comunicação com o pessoal de fora. Pelo que se conta, ela já veio da Fazenda com as crianças, dizem que veio viúva. Não sabemos como o seu Honorato faleceu."

Palmira de Fátima da Silva

Maria Isabel Rafaela, a Vovó Isabel.

Créditos: https://ufsm.br/r-714-3511



RINCÃO SANTO INACIO -(EX CADEIA)

- A VENERADA ISABEL RAFAELA PINTO -estabelecida neste Rincão - onde viveu longas anos,foi criada por Da.HERMENEGILDA RIBAS,casada co: ELESBÃO RIBAS,em comunhão de bens,falecendo com 52 anos de idade aos 18.12.1909 na cidade de S.Gabriel,com testamento seu marido Elesbão seu unico e universal herdeiro,tendo entre os imoveis: 2 quaadras de Campo no Rincão do Padilha,na ESTANCIA "DUAS ARVORES",além dum QUINHÃO DE MATOS NA SERRA GERAL,havido por morte do pai do inventariante,e,outra parte de matos junto à que se descreve que Da.Hermenegilda obteve por compra dum irmão (que a tinha da herança do pai).

-O Nota. O Quinhão de matas acima,é o que vem confrontar com nossa Linha uma negativa ,logo abaixo do Capitel de Firmino Bellé.

Registro extraído do arquivo do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado. Créditos: Organizadores.

"Pelo que a gente sabe, a Fazenda das Árvores era uma grande extensão de área, vinha da beira do Jacuí até Júlio de Castilhos. Isso era tudo uma área só e depois os herdeiros começaram a repartir em Fazenda dos Padilhas, Fazenda dos Mários. A Fazenda das Árvores era o local que abrigava os primeiros escravos de que se tem registro. Hoje, são lavouras e as senzalas foram eliminadas para não deixar vestígio."

Flávio Moreira

"Eu conheci bem elas, a Vovó Isabel e a finada Varda. A Varda era a mais maniosa que tinha. Mas a pior de todas era a finada Romana. Era enjoada. A finada Rosa também, mas a Romana era a pior."

José Alberi da Silva

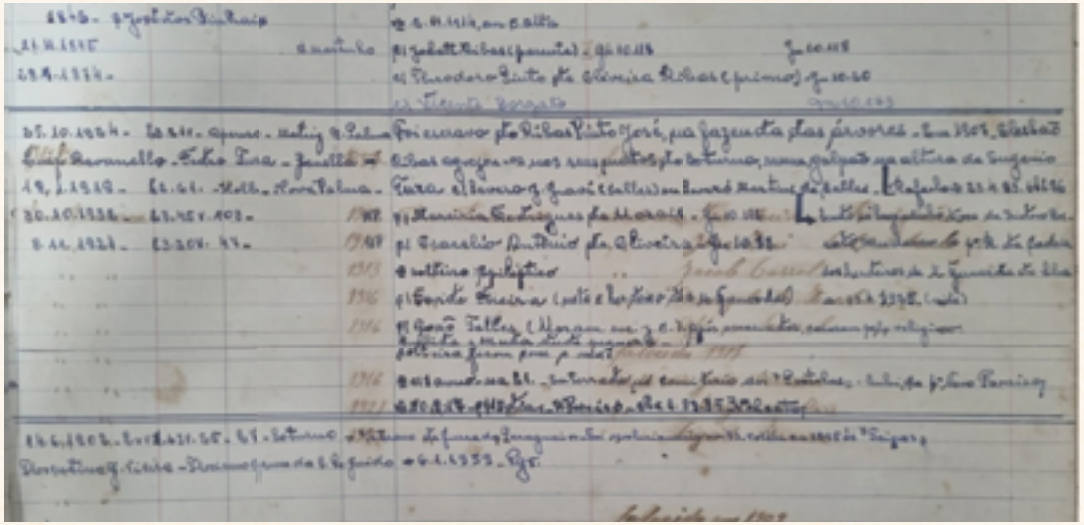
"Quando elas se juntavam não era fácil. Elas não gostavam que surrassem os netos. Quando surravam os netos, a finada Rosa colocava as mãos para trás, cerrava o bico e mandava os velhos parar."

Palmira de Fátima da Silva

"A gente conta a história de quem permaneceu aqui. Vários passaram por aqui e muitos tiveram que fugir. A Vovó Isabel tinha um histórico e tinha contato com o povo lá de baixo. Então ela vira referência."

Flávio Moreira

Registro extraído do Livro 10 do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado.
Créditos: Organizadores.



Registro extraído do Livro 10 do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado.
Créditos: Organizadores.

A Remanescência

"No meu caso, até onde a gente sabe, a minha bisavó também teria sido expulsa na época da Lei (Lei Áurea, de 1888). Libertaram os escravos e começaram a expulsar as pessoas, estão livres, se virem, o mundo é de vocês. A gente ouvia a história do pai e dos mais antigos de que o pagamento pelo trabalho era um prato de comida, às vezes uma frissura de porco ou uma cabeça de porco. Eu cheguei a presenciar o meu pai trabalhando de 3 a 4 dias para pagar uma cabeça de porco. Hoje, a gente cria porco e, às vezes, dá para o outro vizinho e não cobra nada"

Flávio Moreira

"Os antigos não tinham certidão de identificação e, os poucos que tinham, entregavam para os brancos."

Palmira de Fátima da Silva

"Os documentos das terras também eram entregues."

Flávio Moreira

"O meu parentesco por parte do pai vem da Vovó Isabel, que veio da Fazenda das Árvores, só que do lado da mãe eu não tenho conhecimento de avós ou bisavós."

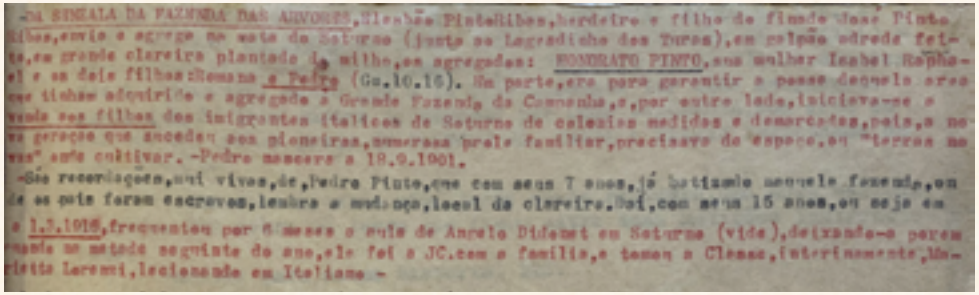
Jocéli Pereira

"Eu já tentei buscar informações do meu parentesco e consigo chegar até a minha bisavó. Antes disso, não há informações porque não se tem documentação."

Flávio Moreira

"Em determinado momento, após a Lei que libertou os escravos, houve queima de arquivos no nosso Estado, para que os negros não tivessem direitos. Nos próprios registros, vemos a mãe, mas o pai não aparece. Eu gostaria, particularmente, de saber de onde nós viemos. É triste não saber se viemos do alto da África, do sul, de onde. Como não tínhamos conheci-

Registro extraído do Livro 10 do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado. Créditos: Organizadores.



Registro extraído do Livro 10 do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado. Créditos: Organizadores.

mento da grandeza da África, sempre falamos África apenas. Mas, de qual lugar da África?"

Flávio Moreira

"Tenho um filho de 21 anos e uma menina de 10 anos. Eu sempre conto pra eles que na minha infância a dificuldade era muito grande. Para poder estudar, tínhamos que ir a pé para outra comunidade, na chuva, sem transporte. Muitas vezes, sem alimentação. Com 12 anos eu trabalhava como adulto e, no fim do dia, conseguia

Prática tradicional do chimarrão.

Créditos: Willian da Silva.

Caminhada em direção ao rio que atravessa o quilombo, para ação de revitalização e reconhecimento, pelas crianças, de práticas tradicionais antigas, como o banho de bica e a lavagem de roupa à beira do rio pelas mulheres da comunidade.

Créditos: Willian da Silva.

comprar 5 quilos de arroz ou açúcar. Ser quilombola é isso, resistir ao processo e se manter firme e forte. Hoje temos conquistas como comunidade, principalmente de infraestrutura, mas antigamente não se tinha carro, ônibus, as casas eram precárias. Hoje, as casas são de alvenaria, temos um salão comunitário, temos um ginásio de esporte, a Unidade Básica de Saúde, uma escola, um campo de futebol. Eu vivi a construção e a conquista disso, mas quando criança tudo era apenas parte de um desejo que a gente tinha."

Flávio Moreira

Professoras Amanda Eloina Scherer e Larissa Montagner Cervo, em entrevista ao então líder comunitário, Sr. Flávio Moreira, no ano de 2023.

Créditos: Organizadores.

"A gente não esquece o passado, porque ele foi muito sofrido para as pessoas morenas, para os pretos, os negros. Eu me lembro que quando as tias dela, a avó e a bisavó (Vovó Isabel) saíam para festas dos italianos, para os casamentos, elas iam só para trabalhar a troco de comida. As mulheres ganhavam um prato de comida. Elas não podiam participar das festividades, só do trabalho doméstico. A gente não esquece porque era o tempo da escravidão mesmo, porque escravizavam muito as pessoas negras, pobres."

Palmira de Fátima da Silva

"Em família, a gente fala ainda sobre o que passamos, do tempo que éramos crianças, do que acontecia. Os mais novos precisam aprender sobre a vida que a gente levou e compreender o que mudou. Falamos que antigamente os brancos surravam as pessoas, maltratavam. Hoje não existe mais essas coisas"

Palmira de Fátima da Silva

"Brincadeira da infância? Brincávamos de se esconder. Pra jogo de bola não tínhamos bola. A gente fazia umas bolinhas de meia, de trapos, plástico, papel, e fazíamos de conta que era bola. A gente também não tinha boneca. Fa-

Boneca de porongo feita por mulheres do Quilombo, familiares da Vovó Isabel.

Créditos: Willian da Silva.

Modelo de arapuca exposto no museu da comunidade. Créditos: Willian da Silva.

zíamos bonecas de pano. E os meninos tinham bodoque para caçar passarinho. Fazíamos também as casinhas. Naquele tempo tinha capoeira, vassoural. A gente fazia nossas casas também. Até a cuia chimarrão a gente fazia de casca de romã. Pegávamos um canudinho de funcho seco pra fazer de conta que era bomba."

Palmira de Fátima da Silva

"Não tinha boneca loira, naquele tempo não tinha. Não tínhamos contato com os italianos, somente as pessoas de mais idade que iam trabalhar."

Palmira de Fátima da Silva

"Brincávamos também bastante com a arapuca, para pegar pomba, jaco. Aqui se fala jaco, galinha preta. Ela aparece de manhã e de tarde. Hoje a gente protege os bichinhos."

José Alberi da Silva

Milho verde assado no fogo de chão, prática tradicional que perpassa diferentes gerações da comunidade. Créditos: Willian da Silva.

"Hoje está tudo mudado, mas foi sofrido. Antigamente era complicado. Nós éramos uma família grande. Os maiores tínhamos que sair, trabalhar para fora. Então a gente trabalhava para os italianos. Eles tinham a terra melhor e plantavam. Para nós, sobrava as pedreiras, tínhamos que plantar e dar metade da produção para eles. Às vezes colhíamos, às vezes não conseguíamos colher, mas era a vida que a gente levava.

José Alberi da Silva

"Hoje, temos o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente Santo Inácio. O nome Quilombo Vovó Isabel deu-se quando a gente começou a se afirmar no nosso ser, na nossa cultura, e então destacamos o nome dela. Nós, comunidade, estamos fazendo com que o nome dela seja mais expressivo. Quem foi essa vovó? Esta vovó foi uma ex-escrava, deixou seu legado na comunidade. O exemplo dela ainda hoje é seguido, o exemplo de nos comunicarmos, de nos ajudarmos, porque ela era uma pessoa assim. Tem sempre aquele que diz que não, que ela era uma pessoa ruim, mas é assim com a gente também. Às vezes somos bons, às vezes somos ruins."

Flávio Moreira

Arapuca utilizada nas práticas tradicionais de caça.
Créditos: Willian da Silva.

A Ocupação Da Terra

"Há formas de contar a história. O Pe. Luizinho contava que, quando os italianos chegaram, eles usavam os negros, os bugres, como caboclos. Ele contava também uma história de que, quando os primeiros italianos se instalaram nessa encosta do Rio Soturno, havia bugres ali. Houve um determinado momento em que os italianos passaram fome e quem deu a abóbora, o milho para a alimentação foram os caboclos que viviam na região. Isso retrata bastante o modo de se apagar uma parte da história para elevar outra parte."

Flávio Moreira

"Ali em diante ainda tem pedaços de mato, mato antigo, que foi derrubado. Hoje é lavoura. Quando éramos crianças, a gente arrancava as toqueiras de fumo, tinha que cavocar com picão, e achávamos cavacos de panela dos índios, o sinal das unhas deles bem marcado. Eles enfeitavam as panelas por fora e por dentro, bem lisinhas."

Palmira de Fátima da Silva

união. Com o passar do tempo, a própria universidade começou a estudar e desvendar a história. Hoje, o pessoal reconhece. É como nós dizermos que fomos os primeiros."

Flávio Moreira

"Os que chegaram primeiro não tinham direito à terra, os que vieram depois tiveram direito."

José Alberi da Silva

"Em determinado momento, talvez pelo trabalho do Pe. Luiz Sponchiado, se estabeleceu uma ideia de que os italianos foram os primeiros que chegaram.

Eu questionei em alguma re-

Vista panorâmica do território. Créditos: Organizadores.

"Quantos passaram por aqui nesse período? Foram muitos, mas não sabemos exatamente quem são."

Flávio Moreira

A Educação Escolar

"Até onde sabemos, o Pedro Pinto estudou até o 3° e 4° anos, mas o pouco conhecimento adquirido ele passava para os outros daqui. Não existia a escola e as aulas eram na casinha da Vovó Isabel. O Pedro Pinto ensinava o pouco que sabia."

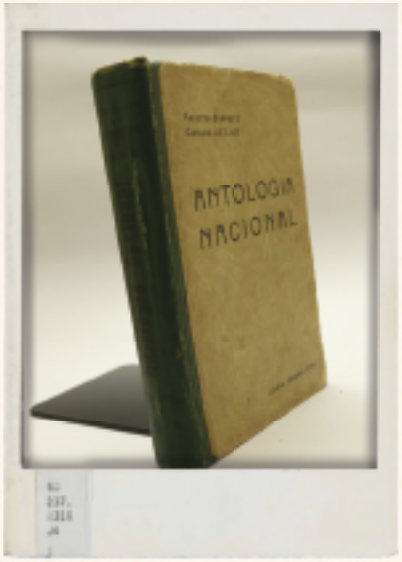
Flávio Moreira

"O Seu Pedro fazia parte da banda do Prof. Zanella. Ele tinha contato com o pessoal do município. A gente ouve histórias a respeito dele, bem legais. Contam que, muitas vezes, ele ouvia a missa e depois reproduzia aqui o que ouvia. Teve um momento em que ele foi impedido, porque ele não tinha pedido permissão para o padre."

Flávio Moreira

"O Seu Pedro dava aula na casinha dele, depois foi construído o primeiro coleginho, em 1967. Ele ficou um pequeno período dando aula na escola. Depois, o município trouxe outros professores. Por isso o reconhecimento que fazemos a ele.

Flávio Moreira



Livro Antologia Nacional (CDM)
Créditos: Juliana Scariotti Cielo

"Eu fui aluna do Pedro Pinto. Ele era brabo. Naquele tempo, o professor podia mandar. Ou você obedecia, ou a vara pegava. Não tinha conversa, era escutar e fazer o que ele mandava. Não tinha quadro. Ele tinha os livros e distribuía folhas. Dava para cada um e passava o que era para fazer. Se não fizesse, o laço pegava. Não era como agora. Nós éramos uma turma boa, éramos uns quantos. Na verdade, quase todos os filhos, os primos dela, da finada Rosa, que era filha da Vovó Isabel, participavam da escola. Lá de casa participava eu e a Loá. Eu não lembro dos livros. A gente fazia o que ele passava. A gente tinha que decorar, era tudo decorado."

Palmira de Fátima da Silva

Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Inácio, que atende às crianças do quilombo.

Créditos: Organizadores.

"Se não decorasse, a régua pegava as paletas."

Flávio Moreira

"Tinha uma peça da casa que era livre e a gente fazia as aulas ali. Antigamente, se dançava ali também, tinha os bailões. Naquela casa, a cozinha era separada. Só tinha o quarto e o espaço que sobrava da casa era para a nossa aula. A casa tinha assoalho de madeira, era fechada com tábua e era coberta de tabuinha com prego."

Roda de Conversa entre moradores da comunidade, prática tradicional voltada ao debate e a reuniões.
Créditos: Willian da Silva

Palmira de Fátima da Silva

"A lembrança desse tempo não é só de porrete, não. Ali a gente aprendeu também. Se a gente tivesse continuado... Naquele tempo se aprendia porque se tinha que prestar atenção, ou então se apanhava."

Palmira de Fátima da Silva

"Nós sentávamos no assoalho da casa e escrevíamos. Era meio-dia lá, daquele jeito. Um pouco sentávamos, um pouco ajoelhávamos, e assim ía-

Pedro Pinto, nasceu a 18/9/1901, na Fazenda das Árvores (propriedade do finado Elesbão Pinto), filho de Honorato Pinto que foi escravo dos Pintos, que eram Elesbão, Lourenço, Teodoro e José. Honorato já nasceu naquela fazenda. Sua mãe Isabel Rafaela Pinto, era afilhada da mulher de Elesbão e criada por ela, Dona Sinhá. Naquela fazenda casaram Honorato e Isabel que tiveram os seguintes filhos: Romana, Pedro, Maria Gonçalina, Onesmo, Maria Vivaldina, Maria Dorotea, Rosalina

Registro extraído do arquivo do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado. Créditos: Organizadores

mos indo. Então, o meio-dia tinha passado, era uma maneira, né? As aulas eram só em um turno, não tinha como ser mais."

Palmira de Fátima da Silva

"A Vovó Isabel estava viva nessa época. Ela sabia de tudo, acompanhava as atividades. Era faceira com os alunos."

Palmira de Fátima da Silva

As Formas De Subsistência

"Eu vim com o dom, da minha tia, ela fazia bolachas para vender. Eu fui fazendo sozinha, por mim, e depois que fiz curso nunca mais parei."

Jocéli Pereira

"Elas herdaram um dom dos descendentes. A prima dela também faz uns doces que são umas delícias."

Palmira de Fátima da Silva

"Hoje, temos uma agroindústria que também é fruto do trabalho de pensamento em construção voltado com a associação, como uma alternativa de subsistência que criamos em 2014, inauguramos em 2015. Uma alternativa para as mulheres."

Flávio Moreira

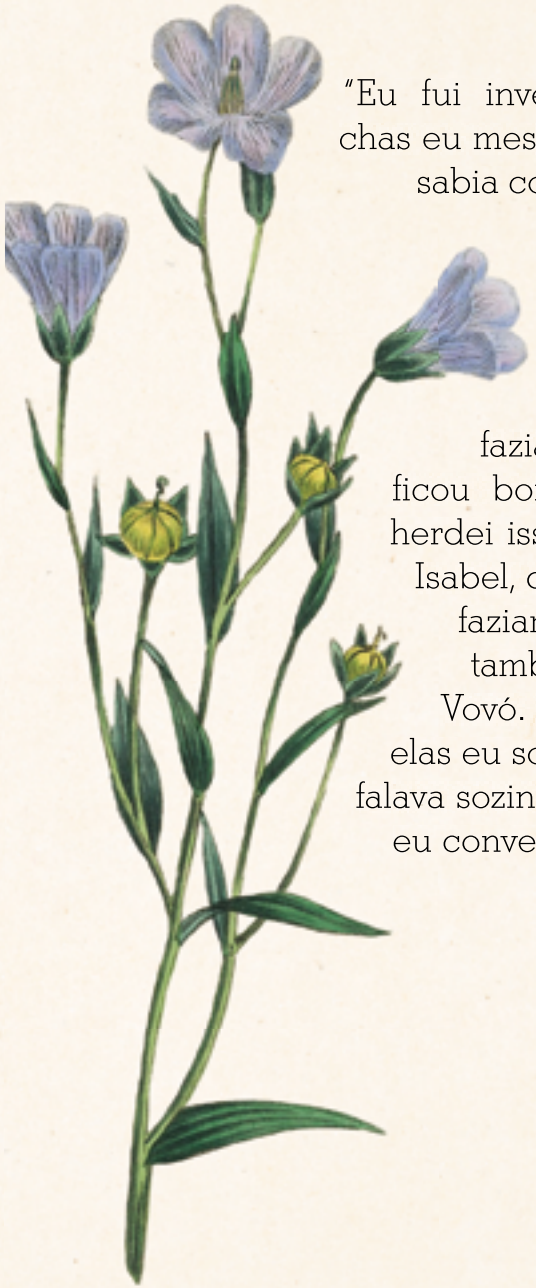
"A gente tenta trazer também a questão da nossa identidade na agroindústria. A rosca de gema era um produto que a Vovó Isabel fazia. Talvez faltasse alguns ingredientes na época, pela precariedade, mas hoje a Jocéli, que coordena a agroindústria e é uma das bisnetas da Vovó, ela mantém a tradição. A Vovó Isabel fazia as roscas e saía para vendê-las na vizinhança, para os italianos. O pessoal comprava, tinha uma aceitação boa, e isso também faz a memória dela permanecer viva."

Flávio Moreira

Jocéli Pereira, presidenta da Agroindústria Associação Quilombo Vovó Isabel.
Créditos: Organizadores.

"Os que comem das nossas roscas de gema dizem que elas têm um sabor melhor, porque não são bolachas muito secas. Eu não sei se é o forno que os outros usam, se é o tipo de máquina. Eu já experimentei a máquina industrial e a máquina manual, no forno a lenha e a gás. Na máquina manual e no forno a lenha a rosca fica fofinha. Na máquina industrial e no forno a gás a rosca fica mais seca."

Jocéli Pereira



"Eu fui inventando as bolachas eu mesma, em casa. Não sabia como fazer. Eu ia fazendo pra mim, ficava mais ou menos, fazia de novo para mim, não ficava bom, fazia de novo, até que ficou bom. Eu acho que herdei isso da finada Vovó Isabel, da Varda, pois elas faziam. A minha vó também era filha da Vovó. Enjoada igual a elas eu sou. A finada Varda falava sozinha e, às vezes, até eu converso sozinha."

Jocéli Pereira

Iniciativa da comunidade para limpeza e revitalização do rio local.
Créditos: Willian da Silva

Trabalhos Escolares feitos pelas crianças do Quilombo.
Créditos: Willian da Silva.

As práticas Tradicionais

"Eu me lembro que os velhos faziam cestas, peneiras e gamelas, banquinhos de madeira. Tudo manual, com madeira do mato. Hoje ninguém faz nada. A Dona Mariquinha ainda faz alguma coisa, mas ela já está com dificuldades, não pode mais ir pro mato para buscar material."

Palmira de Fátima da Silva

"A capoeira está sendo incorporada como resgate de expressão. Perdemos muita coisa dos nossos velhos. Nos criamos escondidos. Mas quando trabalhamos o resgate da nossa história cultural, a capoeira vem forte por ser uma expressão de alegria e disciplina. É uma prática que nossos antepassados iniciaram no território brasileiro e que hoje é usada de várias formas."

Flávio Moreira

A prática da capoeira pelas crianças da comunidade. Créditos: Willian da Silva.

"Antigamente, tínhamos o benzedor que benzia tudo, hoje temos alguns que são mais restritos. Temos na genética essa benzedura, todos na comunidade têm o seu modo de benzer. Nós víamos nossos velhos fazendo e, hoje, fazemos igual. Em dia de temporal e de ventania, a minha pequena com 10 anos benze por si e já faz a benzedura como crença dela, sem eu ensinar. Ela mesma benze, só de nos ver fazendo."

Flávio Moreira

Artefatos tradicionais, como cesta, arapuca e agogô de coco. Créditos: Willian da Silva.

"A religião que a gente tem até hoje é a católica. A gente não aprendeu outra religião. Se havia outra religião, foi antes de nós."

Palmira de Fátima da Silva

Cruz das Missões, símbolo católico, da religiosidade assumida pela maioria dos moradores do Quilombo. Créditos: Organizadores.

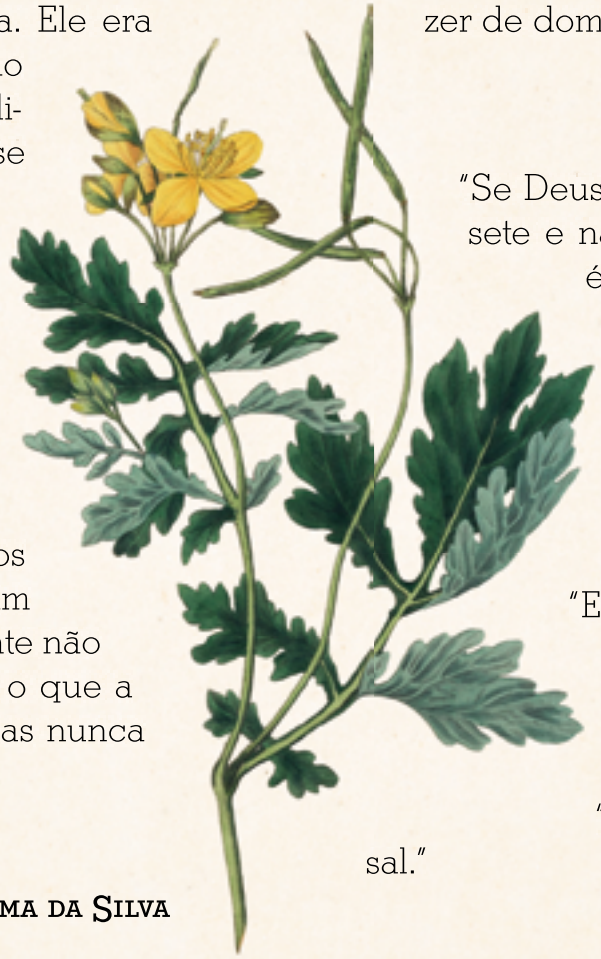
"Na verdade, a gente acabou sendo inserido, né? Foi como aconteceu com o Seu Pedro. O Seu Pedro veio com a

Vovó Isabel para cá, mas ele teve contato com os italianos e, por um período, ele estudou. Ele participava também das atividades na Igreja Matriz, pelo que a gente descobriu. E isso fez com que ele, talvez, abandonasse uma outra religião pela católica. Ele era fiel à religião católica, assim como nós. A gente aprendeu sobre religião com o pai, com a mãe. Ouve-se falar que no passado se praticava outras religiões, mas com a discriminação devem ter acabado abandonando."

Flávio Moreira

"Eu acredito que antigamente havia outras religiões, por causa dos benzimentos. Os antigos praticavam esses benzimentos, e até hoje a gente não sabe o que falavam. Não sabemos o que a oração dizia. Eu tentava escutar, mas nunca consegui entender nada."

Palmira de Fátima da Silva



"Os antigos benziam quando procuravam. Aquela que benzia, a finada Dorvalina, ela benzia de segunda a sábado. De domingo ela dizia que não era bom. Todos os benzedores falavam isso. Não fazia efeito benzer de domingo."

Jocéli Pereira

"Se Deus fez o mundo em sete dias, sete e não seis, então de domingo é para descansar. Eu acho que os benzedores respeitavam este dia.

Palmira de Fátima da Silva

"Eu faço uma oração normal para benzer o temporal."

Flávio Moreira

"Eu benzo temporal com sal."

José Alberi da Silva

"Tem uns que benzem com sal, outros com raminho."

Flávio Moreira

"Outros também fazem cruz com o machado. Dizem também que, quando vem pedreira, para não vir aquelas pedras grandes, tem que largar uma bacia lá um pouco para cima, parada, ou um chapéu."

Palmira de Fátima da Silva

"Eu atiro o chapéu para fora."

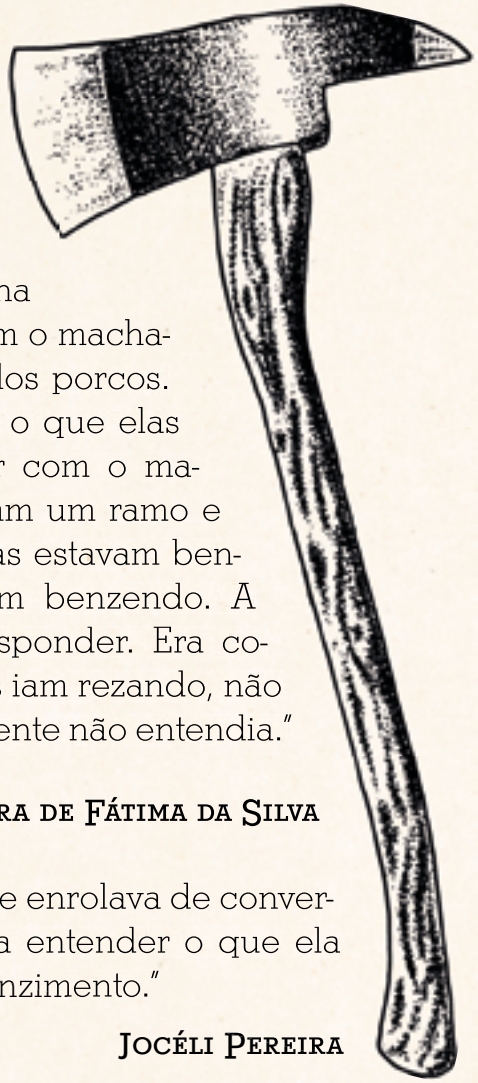
José Alberi da Silva

"O benzimento com sal é feito com três cruzes, pro lado que tá vindo. Só não pode deixar fechar tudo, né? Se fechar tudo não adianta mais."

José Alberi da Silva

"Para benzer cobreiro, eles usavam água, brasa e um raminho."

Flávio Moreira



"Já a finada tia Laura e a tia Dorvalina benziam cobreiro com o machado, lá no chiqueiro dos porcos. Não me lembro mais o que elas pegavam para cortar com o machado. E elas cortavam um ramo e pediam pra quem elas estavam benzendo o que estavam benzendo. A pessoa tinha que responder. Era cobreiro brabo. Daí elas iam rezando, não sei o quê, porque a gente não entendia."

Palmira de Fátima da Silva

"A finada Dorvalina me enrolava de conversa quando eu tentava entender o que ela estava dizendo no benzimento."

Jocéli Pereira

"No carnaval, quando a gente era criança, todo mundo se diferenciava. As pessoas se vestiam

diferente, homem se vestia de mulher. Depois nunca mais foi feito."

Palmira de Fátima da Silva

"A canjica do pilão a gente faz de vez em quando, quando a gente quer lembrar o passado e comer uma canjica boa, que não seja de milho lavado, aquele de mercado! Mas é difícil fazer essa canjica agora. A gente fazia o tempo todo, tínhamos prática, agora é mais difícil. Todo mundo batia a mão no pilão, não eram só as mães e os velhos."

Palmira de Fátima da Silva

Maria de Fátima Pinto, neta da Vovó Isabel, no preparo tradicional da canjica, no pilão e com cinzas. Créditos: Willian da Silva.

"Feijão, farofa, couve, eu pelo menos adoro a couve, a farofa. A carne de galinha em molho também. Não é comida de todo dia, mas é o que a gente mais gosta."

Flávio Moreira

"Pra fazer a canjica tem que ser um milho especial. Tem que socar até sair toda a casquinha do milho, para ficar limpo. Coloca um pouquinho de cinza para afrouxar a casca. Vai socando e vai aventando. Depois que ela está pronta ela fica limpinha. Tem que aventar, umas 3 ou 4 vezes, socar e aventar. Não pode estar com muito desejo."

Palmira de Fátima da Silva

"Lembra de uma música que os velhos cantavam enquanto batiam o pilão? Os velhos cantavam, mas nunca nos ensinaram. A única coisa

Farinha de milho produzida como parte da culinária tradicional. Créditos: Willian da Silva.

que nós aprendemos era que tinha que apurar a canjica para cozinhar."

Palmira de Fátima da Silva

"A canjica do mercado é lavada e seca. Ela não tem aquele caldinho doce, o gosto do milho."

Jocéli Pereira

"Tinha milho torrado também, que a gente chamava de farinha de cachorro. O milho era torrado num tacho, numa panela de ferro, com gordura, mexendo sempre para não queimar e para emparelhar a torra. Depois se jogava ele no pilão, tirava a farinha, e ele era peneirado."

Palmira de Fátima da Silva

"Não sei o por quê deste nome de farinha de cachorro. Só sei que é bom de comer. Dá para comer com comida salgada, com doce."

Jocéli Pereira

Bolo de milho, uma das receitas tradicionais.

Créditos: Willian da Silva.

O Legado

"A gente tá trabalhando firme nessa questão da nossa identidade. Muita coisa já se perdeu, mas nos últimos anos vimos trabalhando na comunidade, na escola também, a culinária, os costumes, as benzeduras. Esta semana tivemos uma experiência na escola e eu participei como pai, cozinhei aquilo que aprendemos com nossos avós. Fiz o bolo frito que a minha mãe fazia, outros fizeram farofa, para as crianças também entenderem o processo e valorizarem-no."

Flávio Moreira

"Na minha época os mais velhos contavam histórias e isso tinha muito valor. Por isso estamos aqui. Hoje a gente conta histórias, contamos um pouco, mas não é tão firme quanto antigamente. Antigamente, o povo gostava de contar histórias e hoje já não se tira tanto tempo pra contar, porque se corre atrás do dinheiro, se trabalha e, se sobra um tempo, se conta. Mas, aos poucos estamos avançando, entendendo melhor esse processo do que é necessário para que a nossa história se mantenha viva."

Flávio Moreira

"A ideia é manter a história viva, né? Eu sempre falava para o nosso grupo de trabalho que eu gostaria de passar pro papel aquilo que a gente ouviu. Porque a gente tem tanta coisa que a memória não lembra, que a gente ouvia. Que nem tinha o pai deles aqui, o seu João, quanta história que ele contava quando a gente se reunia na casa dele. História de dar risada, história mais triste, tinha história, e nós não escrevemos. Quando que a gente ia pensar que um dia ia precisar?

Flávio Moreira

"A parte da gente é viver, mas registrar. Se a gente quer que algo se mantenha vivo, temos que registrar, senão aquilo se apaga."

Flávio Moreira

A força da comunidade. Créditos: Willian da Silva.

A resistência

"Ser quilombola é resistir a esse processo histórico que nós temos no Brasil, porque além de nós, outros povos que não tiveram seus direitos de fato são os indígenas. A gente defende firme essa resistência. Eu só estou aqui porque meus avós resistiram, porque muitos tentaram nos tirar daqui. Eu defino como resistência todo esse processo, resistir pra conquistar é importante também."

Flávio Moreira

"Quando a Quarta Colônia começa a ser trabalhada como geoparque, temos que estar presentes, temos que ser vistos. A Quarta Colônia sempre foi focada na imigração italiana e os outros povos eram muito vezes inexistentes perante a história, agora com o geoparque eu acredito que de fato seja concretizada essa história de memória da região. Assim como escavam em busca de dinossauros, que possam também reconhecer aqueles que estão acima da terra, que são seres, porque senão não faz sentido cavar tanto e não reconhecer os que estão acima da terra."

Flávio Moreira

Maria de Fátima Pinto, neta da Vovó Isabel.
Créditos: Willian da Silva.

"A nossa maior riqueza é valorizarmos a nossa descendência. Nosso povo sempre foi um povo alegre, só que muitas vezes é confundido por outra versão, por esse processo histórico. Eu sinto alegria de existir e resistir."

Flávio Moreira

"Nós temos que ter as nossas coisas, nós temos que caminhar com nossas pernas, nós temos que conquistar. Eu gostaria de ter muitas coisas, mas eu sempre pensei que seria importante meus filhos terem condições melhores do que as que eu tive, e meu pai

sempre me disse que a gente deveria ser melhor do que eles, não melhor de grandeza, mas viver melhor, ter mais dignidade. Muitas vezes, na infância, precisávamos dividir uma bala em 5 irmãos."

Flávio Moreira

"Infelizmente, estamos em 2023, e ainda tem muita gente da região que desconhece a história e a existência da gente. Nós somos o que sobrou, mas tantos outros povos passaram por aqui."

Flávio Moreira

Capoeira em resgate, movimento que promove ações de recuperação e fomento a práticas tradicionais da comunidade.

Créditos: Willian da Silva.

"Um rio não deixa de ser rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e se fortalece. "

Antônio Bispo, líder quilombola

A Educação Patrimonial Nas Escolas

Lei N. 1.881, DE 29 DE SETEMBRO DE 2021

Inclui Educação Patrimonial no Currículo Escolar e nas aulas ministradas nas escolas públicas da rede de ensino no município de Nova Palma.

O Prefeito Municipal.
Faço saber que a Câmara de Vereadores decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1° Fica incluído a Educação Patrimonial no Currículo Escolar e nas aulas ministradas nas escolas públicas da rede de ensino no município de Nova Palma.
Parágrafo único. O conteúdo referido no caput deverá abranger o conjunto de conhecimentos que trata do processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado na compreensão do Patrimônio Cultural-Histórico e Natural como fontes primárias de conhecimento individual e coletivo, que inclui entre outros, os elementos da cultura material e imaterial, os saberes e fazeres, os acervos documentais, os elementos da paisagem e do território local e regional. Com a intenção de assegurar, para as gerações futuras conhecerem seu passado-presente, suas tradições, sua história, os costumes, a multiplicidade cultural, a identidade de seu povo como motivação e condição para o desenvolvimento regional sustentável.

[...]

"Porque se a gente implantar uma disciplina de educação patrimonial, vai ser exatamente, como a senhora falou, Professora Amanda, algo mais conteudista, de que os alunos já estão fartos. Eu falo em função da disciplina de História. Por que eu tenho que estudar a história do Eixo Rio - São Paulo? Por que eu não posso estudar as festas populares da região da Quarta Colônia? Por que eu não posso estudar os torneios de futebol que acontecem? As festas dos padroeiros mais próximos?"

"Uma política de educação patrimonial não é uma disciplina de educação patrimonial. Você pode trabalhar no inglês, pode trabalhar um texto que fale sobre o Rio Soturno, que esteja em inglês, algum trabalho acadêmico, uma dissertação, algo que fale sobre a fundação da cooperativa, algo que trabalhe qualquer assunto que tenha relação com a Quarta Colônia, ou com o nosso município. Pode-se pedir para os alunos traduzirem para o inglês. Numa questão matemática, você pode calcular a geografia dos limites, digamos, da região. Então, em todas as disciplinas, você pode passar pela transversalidade ou pela interdisciplinaridade, dando um enfoque para a educação patrimonial."

"Seja da Europa, seja do Nordeste, ou daqui, a gente precisa contar para o estudante o que tem aqui, senão ele vai embora. Então, pra nós é tranquilo, a gente está aqui, sabe que tem o Balneário, sabe que tem o Mirante, sabe que tem a Gruta dos Índios, os capitéis, o turismo religioso, o turismo ecológico, o turismo do Jardim das Esculturas, que não está no nosso município, mas é mais próximo nosso daqui do que de Júlio de Castilhos. Tem gastronomia, patrimônio material e imaterial."

"Quando eu comecei a fazer o projeto de lei, eu poderia ter colocado nas escolas municipais. Ou na estadual. Eu sou professora do Estado, não sou professora municipal. Mas pensando, eu decidi limitar. Eu estou em um espaço, em um território que é municipal. Então, nas escolas públicas de Nova Palma isso abre um leque para que se possa trabalhar tanto nas estaduais, quanto nas municipais. E não é uma disciplina. A educação patrimonial não está na grade, na matriz curricular. Ela está inserida, e não é só o pessoal das humanas, ou da geografia, ou da história que vai trabalhar isso."

"Nós temos aqui os povos originais, os indígenas na região do Caemborá, os Guaranis. Na região mais próxima do Quilombo, temos os Kaingangs. Nós temos a presença do africano. Isso tudo estava antes do italiano chegar."

"Tudo o que se está produzindo, juntamente com as formações pedagógicas, vão dar subsídio para que os professores tenham material pedagógico para poder trabalhar em sala de aula. A base, que eu entendo, é essa, de começar a produzir, porque não é como a disciplina de História, por exemplo, que tem o livro didático pronto. Justamente pelo fato de a educação patrimonial não ser uma disciplina dentro de uma grade, ela vem trazendo toda essa demanda de como pode ser trabalhada. Então, a gente precisa produzir material."

"A questão da religiosidade... Eu, como professora de História e criada a partir de uma doutrinação católica, conheço a maioria dos santos. Mas, quando vou trabalhar a questão da República, eu também sei que até 1889 o Brasil mantinha essencialmente a religião católica como oficial. O que os escravos faziam? Colocavam os santos católicos dentro das senzalas, e criavam os orixás a partir daí, com os nomes dos santos da matriz africana. Ogum, São Jorge

Ogum, Santa Bárbara, e assim sucessivamente. Quando eu conto isso, os alunos se surpreendem, porque eles nunca ouviram falar disso. E isso é um exemplo de conteúdo que não está na matriz curricular."

Jucemara Rossato
Professora da rede pública estadual de ensino, moradora de Nova Palma e autora do projeto de lei que dá as bases para um processo de formalização da educação patrimonial na educação básica, nos municípios partícipes da Quarta Colônia.
Entrevista realizada em junho de 2023.

Professoras Amanda Scherer e Jucemara Rossato e Lara Portella estudante Letras UFSM.
Créditos: Fotos e entrevista Juliana Scariotti Cielo.

Comunidade Remanescente Quilombola Vovó Isabel

O LEGADO DE SABERES PLURAIS QUE PERMANECEM VIVOS NO TRANSCORRER DOS TEMPOS

No princípio

A produção feudal capitalista caracterizava as relações de manufatura, ocasionando a escravização dos negros. A mão de obra escrava constituiu-se em um tortuoso labirinto sombrio de violências, destituindo os negros de quaisquer tipo de direitos. A escravidão aqui no Rio Grande do Sul fez parte das caracterizações demográficas da região. Devido à expansão das charqueadas, a mão de obra escrava foi muito utilizada no cultivo de lavouras e na pecuária. Osório (1999, p. 4-5) pontua que:

> No Rio Grande, predominaram os plantéis de até 4 escravos (52%); na verdade 78% dos proprietários detinham no máximo nove escravos, o que para o restante da América portuguesa os classificaria como pequenos proprietários de escravos (...) verificamos um equilíbrio entre crioulos e africanos na população do Rio Grande, com uma pequena superioridade dos primeiros sobre os segundos.

A escravização dos negros constituia-se um negócio rentável, constituindo-se a base econômica da sociedade (SCHWARTZ, 1988). No entanto, há de se salientar que a historiografia riograndense não contempla a presença da escravidão como constitutiva na formação identitária do Estado.

No Geoparque Quarta Colônia, temos oito comunidades remanescentes quilombolas (cinco certificadas e três em busca da certificação), cuja descendência advém dos períodos de escravidão ocorridos aqui no Rio Grande do Sul; são oito comunidades localizadas em diferentes cidades que constituem o conglomerado "Quarta Colônia", são comunidades urbanas e rurais que preservam traços da sua africanidade, com destaque à Comunidade Remanescente Quilombola Vovó Isabel.

A Revolução Farroupilha (1835-1845), baluarte levantado contra a tirania Imperial, com objetivos separatistas e de caráter republicano, colocou os lanceiros negros, em troca da sua carta de alforria, nos pelotões de enfrentamento e resistencia às forças imperiais. Sendo vítimas de um plano macabro arquitetado pelo Duque de Caxias e o General Canabarro, foram covardemente assassinados, manchando com sangue negro a história do Rio Grande do Sul. Conhecida como a saga 'Massacre dos Porongos' (1844), refletiu a carnificina negra em prol de uma nunca obtida liberdade (DANACAL, 1997).

Essas narrativas históricas são um fio condutor da forma como as comunidades quilombolas se formaram nos pampas gaúchos, sendo símbolos de resistência. Até os dias atuais, tais comunidades encontram-se invisibilizadas por uma cultura de branqueamento que insiste em não reconhecê-las como formações importantes na constituição do nosso Estado. No resgate à memória e à história do afro-brasilei-

ro, é importante evidenciar a presença dessas comunidades, suas narrativas e formas de preservar sua ancestralidade, mesmo estando sob a égide de uma sociedade racista e eurocentrada.

Promover a ruptura com narrativas históricas de marginalização e de arrefecimento é trazer à tona memórias e trajetórias dessas comunidades que permanecem vivas e são fontes de contínuas reformulações, que guardam consigo a preservação cultural. A ancestralidade quilombola é ungida pela valorização das epistemes negras como constitutiva de identidades. Impactados pela colonialidade do ser e do saber, resistem a uma cultura colonial que insiste em inviabilizá-los. Entrelaçando-se fios de herança cultural e identidade étnica são fontes que tecem a busca por direitos e a conquista por territórios.

É importante destacar que o uso do termo 'remanescente' advém de uma categoria linguística que designa apropriação política, associa-se à vivência da territorialidade e a diferenciação étnica; a autoidentificação traz consigo uma preservação histórica e da memória, ao mesmo tempo em que goza de direito consubstancial ao acesso à terra e às políticas públicas. A norma jurídica, estabelecida pelo Decreto Federal n. 4887/03, define remanescentes de quilombos como "grupos étnicos, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida". Assim, o termo 'remanescente de quilombo' refere-se a

> "Toda a comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado"
> (MATIELLO 1997, p. 47).

Narrar a experiência é sobretu-

do narrar uma multiplicidade de relações, que se conectam ao coletivo. Evidenciar a história e a estrutura da Comunidade Remanescente Quilombola Vovó Isabel vem com o intuito de, por meio de imagens, referendar as trajetórias de um território quilombola, pautando-se no pressuposto de que "as vidas humanas têm necessidade e merecem ser narradas" (RICOEUR, 2012, p. 309).

Maria Isabel Rafaela, a Vovó Isabel.
Créditos: https://ufsm.br/r-714-3511.

vivem através de ocupações fora da comunidade, do artesanato, da agricultura e da agroindústria, que fabrica pães, bolachas e massas. A bolacha de gema é uma tradição na agroindústria, pois sua receita é vinda dos antepassados. Os pontos de comercialização são a cidade e as comunidades vizinhas; há pontos de vendas com clientes cadastrados.

O nome da comunidade é em homenagem a Maria Isabel Rafaela Pinto, moradora do local e que resistiu às investidas de latifundiários de se apossar das terras e expulsar dali os negros. Isabel foi uma desbravadora da resistência negra na localidade.

Placa de acesso, localizada às margens da ERS-149.
Créditos: Organizadores.

O TERRITÓRIO

A Comunidade Vovó Isabel localiza-se na zona rural denominada Rincão Santo Inácio, no município de Nova Palma. Nela, vivem cerca de 50 famílias que sobre-

Vista panorâmica do Quilombo Vovó Isabel.
Créditos: Organizadores.

Segundo consta no arquivo histórico da comunidade, Maria Isabel nasceu em 1877, na Fazenda das Árvores, propriedade de Elesbão Pinto. Na mesma casou-se com o ex escravo, Honorato Pinto. Por volta de 1907, deslocou-se para o Passo da Cadeia (antigo nome da comunidade) e com ela foram apenas seus filhos, pois seu marido já havia falecido.

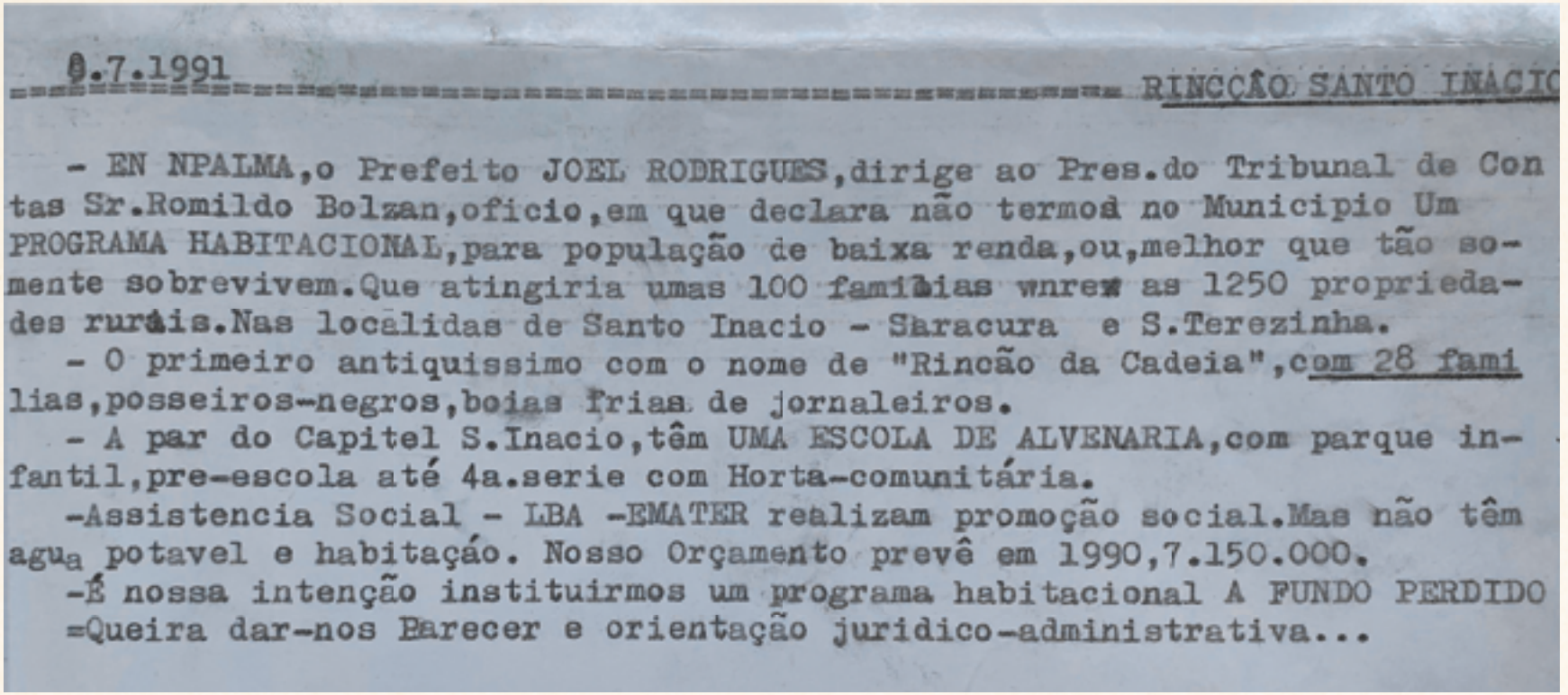
Não há registros concretos de todos os filhos de Maria Isabel, há relatos de que ela concebeu 13 filhos, embora os registros do Pe. Luizinho, no Centro de Pesquisa Genealógica, não confirmem este número. Maria Isabel protagonizou grandes realizações na comunidade; a primeira casa construída foi a dela, seu filho tornou-se professor na comunidade (Pedro Pinto) e a construção da escola (que antes era de madeira, foi ampliada para alvenaria); a primeira escola foi feita em 1967. Antes disso, os encontros eram realizados na casa do seu Pedro Pinto. Em 1981, foi convidada a destituir o manto do padroeiro da comunidade, Santo Inácio, em uma solenidade marcada por muitas lembranças de lutas e conquistas. Maria Isabel faleceu no mesmo ano, com 103 anos de idade.

Unidade Básica de Saúde em funcionamento no Quilombo.

Créditos: Organizadores.

No ano de 2003 foi realizado um estudo antropológico na comunidade. Dois anos depois, foi constituída a Associação Remanescente Vovó Isabel. A certificação ocorreu no ano de 2008. Registros do Padre José Luiz Sponchiado demonstram que, em 1840, já haviam negros escravizados nesta região cognominado de "Rincão da Cadeia".

De acordo com relatos do presidente da associação, "Muitos escravos aproveitaram a ocupação dos patrões na Revolução Farrapa para fugir dos seus cativeiros (...). Antes da Lei Áurea ser assinada, os escravos eram considerados pro-



9.7.1991 RINCÇÃO SANTO INACIO

- EN NPALMA,o Prefeito JOEL RODRIGUES,dirige ao Pres.do Tribunal de Contas Sr.Romildo Bolzan,oficio,em que declara não termos no Municipio Um PROGRAMA HABITACIONAL,para população de baixa renda,ou,melhor que tão somente sobrevivem.Que atingiria umas 100 famílias wnrex as 1250 propriedades rurais.Nas localidas de Santo Inacio - Saracura e S.Terezinha.
- O primeiro antiquissimo com o nome de "Rincão da Cadeia",com 28 familias,posseiros-negros,boias frias de jornaleiros.
- A par do Capitel S.Inacio,têm UMA ESCOLA DE ALVENARIA,com parque infantil,pre-escola até 4a.serie com Horta-comunitária.
-Assistencia Social - LBA -EMATER realizam promoção social.Mas não têm agua potavel e habitaçáo. Nosso Orçamento prevê em 1990,7.150.000.
-É nossa intenção instituirmos um programa habitacional A FUNDO PERDIDO
=Queira dar-nos Parecer e orientação juridico-administrativa...

Registro extraído do arquivo do Centro de Pesquisas Genealógicas Pe. Luiz Sponchiado. Créditos: Organizadores.

priedades dos fazendeiros ou estancieiros e tratados como animais, só serviam para servir aos patrões. Com as perseguições, uns eram mortos e outros sobreviveram a alto custo".

Segundo narrativas dos moradores, em 1953 o território foi invadido por latifundiários, que destruíram as casinhas feitas de capim para tomar posse das terras. Com receio de perder a vida, muitos fugiram para o mato; os poucos que se mantiveram reuniram forças e começaram a exigir proteção contra os desmandos dos latifundiários, passando, assim, a edificar a cultura africana e a construir a sua história no local.

Casa da Vovó Isabel, construída em 1910 com retalhos de madeira, pau a pique, revestimento de barro e telhado de capim.
Créditos: Rede Social Facebook do Quilombo Vovó Isabel.

O posto de saúde é outra conquista celebrada pela comunidade. Fundado em 2014, otimiza a ida à cidade, distante 12 km; conta com um médico, um enfermeiro, além de visitas frequentes de agentes comunitários.
Créditos: Organizadores.

A comunidade conta também com um ginásio de esportes e campo de futebol; conta com um time futebolístico, a Sociedade Esportiva e Recreativa Botafogo, fundada em 1991, com diversas vitórias e prêmios recebidos.

Créditos: Organizadores.

O grupo de capoeira visa resgatar a identidade quilombola.

Créditos: Willian da Silva.

E para finalizar:

Nestas linhas teço a história de resistência da Comunidade Quilombola Vovó Isabel, que, por volta de 1900, foi formada a partir de ex escravizados que chegaram e fizeram deste território sua morada. Com muitas dificuldades, com o legado de seus ancestrais, têm lutado para adquirir seu território.

Em defesa da sua identidade conseguiram muitas conquistas. A questão territorial é uma luta contínua; ademais guardam consigo memórias de seus antepassados, como as benzeduras.

Manter e regatar as tradições, além da melhoria de qualidade de vida das famílias é uma luta diária, luta travada contra o preconceito racial - os "negros do Rincão" - e que se encerra com a valorização e respeito à diversidade.

Narrar sobre meu povo é resgatar minha identidade negra que encontra-se circunscrita a um constante caminhar; caminhar este que me leva a tecer trajetórias de vida que, no emaranhado de violações e preconceitos, encontram seu refúgio na resistência; na resistência e no orgulho de ser negro, quilombola e cidadão brasileiro.

A beleza afrodescendente colocada em evidência. Jovens representantes da comunidade no evento de escolha da nova corte da Comunidade Remanescente de Quilombo Acácio Flores, de Dona Francisca. Créditos: Rede Social Instagram do Quilombo Vovó Isabel.

As lutas são diárias e as conquistas chegam em conta gotas, mas são o anúncio de um futuro promissor em que o fio mestre que se apresenta configura-se como um mapa instrucional de como as comunidades remanescentes quilombolas se constituem e são fruto de resistência a todos os processos de aculturação que lhe são impos-

tos. Reconhecer o protagonismo cultural das comunidades é superar estigmas, destacando a participação quilombola na sua luta por espaços, cidadania e oportunidades na sociedade; requer superar o que chamamos "eufemisticamente de preconceito de cor" MOURA (1987, p. 10).

O aquilombar remete não só à conquista do território, mas à luta por direitos secularmente negados; requer reconhecer os remanescentes quilombolas como parte importante na formação e no desenvolvimento da cidade de Nova Palma. Findo esta escrita com esses sorrisos que refletem a alegria de um devir quilombola que se anuncia e que repele qualquer tipo de discriminação na construção de uma sociedade cada vez mais justa: 'ser negro é a raiz da liberdade' (LARA, 1981) e ser QUILOMBOLA É UM DIREITO ANCESTRAL!

Beatriz Santos Pontes (UFSM)

Dona Maria de Fátima, neta da dona Isabel Pinto.
Créditos: Willian da Silva.

Bibliografia

BRASIL. Decreto Federal 4887/03. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília ,DF, 20 de novembro de 2003;

DACANAL, José Hildebrando (org.). **A Revolução Farroupilha:** História e interpretação, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

LARA, Dona Yvonne. Um abraço Negro, Gravadora Kuarup, 1981.

MATTIELLO, Benedito Aristides Riciluca; OLIVEIRA , Leinad Ayer. **Quilombos em São Paulo:** tradições, direitos e lutas.Tania Andrade (Org.). São Paulo: IMESP, 1997.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

OSÓRIO,Helen. **Estancieiros, lavradores e comerciantes na constituição da estremadura portuguesa na América.** Rio Grande de São Pedro, 1737-1822. Niterói, Curso Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense. (tese de doutoramento). 1999

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa:** a intriga e a narrativa histórica. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

SCHWARTZ, S. **Segredos internos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1988

Design feito com uso de imagens license free disponibilizadas nos sites Freepik, Unsplash e Wikimedia Commons.

Ilustrações e padrões capitulares desenvolvidos por J. Sayuri Mogi.

Esta obra foi feita utilizando das famílias tipográficas Rockwell Nova e Stymie licenciadas pela Adobe Fonts.

Realização:

UFSM Silveira Martins
Centro de Documentação e Memória

Apoio:

UFSM
Pró-Reitoria de Extensão

Geoparque Quarta Colônia

UFSM
Silveira Martins

CAL
Centro de Artes e Letras
UFSM

PPGL UFSM